

CENTENÁRIOS

ROCHA LIMA

JOSAPHAT LINHARES

No momento preciso em que as diversas ciências sociais chegadas à idade adulta consentem, como disse André Marchal, em se evadir dos compartimentos em que se abrigava a sua fragilidade, produz-se uma tal aceleração do progresso técnico, do movimento científico e do desenvolvimento histórico, que o pesquisador condenado à especialização não pode mais acompanhar as últimas conquistas das ciências correlatas. (In Revue Economique — maio 1950 — pág. 12).

Adstrito apaixonadamente aos estudos da ciência econômica, acantoado impertinentemente a um compartimento que, sem sentir, se ia tornando estanque, as emoções se amortecem, os sonhos e devaneios se dissipam e o próprio espírito se alheia das demais conquistas da inteligência humana.

Tudo me parecia estranho e sem interesse se estranho e sem interesse para as investigações da minha preferência.

No entanto nada se isola no élo indissolúvel das ciências sociais, na interralção das idéias e sentimentos humanos.

O economista não pode, por exemplo, alhear-se da história, pois, «história e economia política têm um único e mesmo objetivo: o estudo, no curso do tempo, da atividade dos homens e das sociedades humanas».

Tudo tem uma correlação estreita, integra-se perfeitamente no encadeamento sucessivo de causas e efeitos.

Todos os monumentos artísticos e literários, que hoje constituem esse esplêndido patrimônio da humanidade, são produtos do trabalho penoso, do esforço inteligente, das idéias e sentimentos das gerações que se sucederam.

Brotaram da sua ininterrupta atividade, demonstrando, na variedade dos seus estilos e formas, a variedade do seu viver e do seu agir, e traduzindo, no tumultuar da luta pela sua sobrevivência, todos os seus anseios e aspirações, traduzindo tôda a psicologia da época em que floresceram.

«A variedade de idéias operou-se pela variedade das civilizações: os Vedas e a Iliada, a arquitetura e a música, o drama e a epopéia, a poesia e a pintura, Lucrécio e Shakspeare, Dante e Goethe, escreveram na tela das civilizações a palavra de luz de seu tempo». (Rocha Lima — Crítica e Literatura — 2ª edição — pág. 42).

E aqui, parafraseando o insigne cinzelador d'«Os Sertões»: Arrebata-me também o sonho, mas, ao invés de projetar sôbre os que me circundam uma centelha dêsse talento genial que foi Raimundo Antônio da Rocha Lima, é o fulgor de sua inteligência e da sua cultura que me invade e deslumbra.

x x x

Senhores acadêmicos,

A vida de Rocha Lima foi breve como um meteoro mas teve a refulgência de uma estrêla.

O influxo da sua inteligência, do seu talento e da sua ação foi permanente, exercendo-se sôbre a sua geração «forte, corajosa, viril» que, segundo Capistrano de Abreu, foi a sua obra genuína.

Diz Dolor Barreira que o espírito racionalista, heterodoxo e negativista do tempo, através de Rocha Lima, impregnou a geração da chamada **Academia Francesa**, que lhe sofreu, irresistivelmente, o influxo.

Mas é êsse espírito racionalista, heretodoxo e negativista, de que nos fala o brilhante autor da «História da Literatura Cearense», o traço fundamental da inteligência fulgurante, do talento genial que liderou o movimento que Tristão de Ataíde qualificou de «intelectualidade afirmativa».

Não é, pois, a capacidade de entregar-se todo a uma só idéia o carater primordial do seu talento como lhe quis atribuir o ilustre escritor católico.

Rocha Lima tinha a ânsia da investigação científica e da verdade e quando esta lhe parecia à sua inteligência e à sua compreensão do momento êle a aceitava apaixonadamente.

Mas aprendeu de René Descartes a ter a dúvida como método em todas as pesquisas em busca da verdade e da ciência.

Dêle se pode dizer, já naquele tempo, o que nos dias atuais, diz André Marchal das inteligências privilegiadas: «Nesta cerração de probabilidade e de incertezas em que se confundem hoje as ciências dltas exatas e as «pobres pequenas ciências conjecturais» — cerração mais propícia talvez aos obscuros encaminhamentos e às bruscas revelações do gênio — as novas inteligências se movem com prazer e se riem dos obstáculos de que com dificuldades nos desembaraçamos». (André Marchal — ob. cit., pág. 6).

Não é tão fácil, diz êste autor, ser do seu tempo.

Rocha Lima era do seu tempo. Com uma propriedade de ex-

pressão admirável dele nos fala Antônio Sales, que foi um dos luminares desta casa: «Fadado para morrer cedo, a sua inteligência tomou um desenvolvimento extraordinariamente precoce, alando-se ousadamente às mais altas abstrações da Crítica e da Filosofia. Todos os grandes pensadores e artistas de então lhe eram familiares, e nesse superior convívio científico assumiu proporções assombrosas para a idade e para o meio».

De certo Antônio Sales limita as proporções assombrosas da cultura de Rocha Lima na idade e no meio.

Efetivamente, mesmo hoje, difícil, senão impossível, encontrar-se no Ceará um jovem de 23 anos com a inteligência, o talento, a cultura e, sobretudo, a mentalidade progressista, a capacidade investigadora de Rocha Lima. Mas, pelo que nos demonstram os trabalhos enfeixados depois sob o título **Crítica e Literatura**, vê-se que ele apenas fala incidentemente de Hegel, não tendo feito nenhuma apreciação sobre o método dialético desse admirável filósofo idealista da Alemanha e silencia, de todo, a respeito de Feuerbach, sem os quais, entretanto, não poderia ter uma interpretação perfeita da dialética materialista de Marx que, igualmente, não foi objeto de suas cogitações culturais.

Era, no entanto, muito cedo para um jovem no Ceará, na década de 1870, entrar em contacto estreito e permanente com o movimento filosófico do velho mundo na eclosão cultural que se verificou, principalmente, na segunda metade do século XIX.

Ser do seu tempo, porém, não é só acompanhar o movimento intelectual que se processa.

É mais do que isto. É desembaraçar-se do passado, é aceitar os grandes ensinamentos do presente que nos fazem antever os esplendidos fulgores do porvir.

Rocha Lima sabia que só vivendo do presente se poderia preparar o futuro.

Triste, disse, a condição de uma sociedade que apela para o passado em busca do futuro.

Mais tarde dirá Ingenieros que é de povos exaustos contemplar o ontem sem preparar o amanhã.

E Rocha Lima queria preparar o amanhã. Explica-se, assim, a sua aparente instabilidade de convicções filosóficas.

Vacherot, Taine, Buckle, a filosofia positiva de Augusto Comte e a doutrina da Evolução de Spencer o seduziram sucessivamente com a paixão que bem traduz a sua grande sensibilidade.

Mas, intransigentemente fiel ao postulado que sempre defendeu — desembaraçar-se do passado para preparar o futuro — o seu brilhante espírito de crítica submetia essas doutrinas à dúvida, que é o método cartesiano imprescindível em tôdas as investigações filosóficas e científicas.

Era, sobretudo, uma grande inteligência.

E se, na palavra de fé de Georges Duhamel, as grandes sensibilidades transformam mais profundamente o mundo do que as grandes inteligências, eu creio que uma maior transformação se produzirá quando se irmanam uma grande inteligência e uma grande sensibilidade.

Daí a extraordinária influência exercida sobre os espíritos moços da época pela inteligência, pelo talento e pela cultura de Rocha Lima, só excedida pela influência de outro espírito igualmente extraordinário — Tobias Barreto — que, no entanto, agiu por maior espaço de tempo em um centro cultural mais adiantado e em ambiente mais propício para a propagação de suas ideias, que foi a Faculdade de Direito de Recife.

Essa influência extraordinária podemos aquilatar apreciando a sua obra genuína que, segundo Capistrano de Abreu, foi a moderna geração do Ceará, forte, corajosa, viril.

E essa geração é constituída de, entre outros, Thomaz Pompeu, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, Xilderico de Faria, João Lopes, Amaro Cavalcante. E, até mesmo, o grande Clovis Bevilacqua confessa ter sofrido a influência do movimento literário dessa pleiade de inteligências moças de que se destacava Rocha Lima.

É que Rocha Lima foi, inegavelmente, uma grande inteligência e uma grande sensibilidade.

Como inteligência, impôs-se pelas ideias e, como sensibilidade, pela virtude de atrair e congregar uma geração que foi qualificada de — «INTELECTUALIDADE AFIRMATIVA».

Fortaleza, 1955.